

## GT8

## CASAL E FAMÍLIA: ESTUDOS PSICOSSOCIAIS E PSICOTERAPIA

Terezinha Féres-Carneiro (Coordenadora) (PUC-Rio – teferca@psi.puc-rio.br)

Adriana Wagner (PUC-RS – adriwagner@yahoo.com.br)

Bernardo Jablonski (PUC-Rio – bjabloski@uol.com.br)

Cristina Maria de Souza Brito Dias (Unicap – cgp@unicap.br)

Gláucia Ribello Starling Diniz (UnB – gdiniz@unb.br)

Ileno Izídio da Costa (UnB – ileno@unb.br)

Isabel Cristina Gomes (USP – isagomes@nw.com.br)

Julia Bucher-Maluschke (UnB e Unifor – jbucher@uol.com.br)

Lídia Levy de Alvarenga (PUC-Rio – l Levy@psi.puc-rio.br)

Maria Consuelo Passos (PUC-SP e Unimarco – mcpassos@uol.com.br)

Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado (Uerj)

Maria de Fátima Araújo (Unesp Assis – fatimaraujo@uol.com.br)

Maria Lúcia Rocha-Coutinho (UFRJ – coutinho@pop.imagemlink.com.br)

Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro (UFF – tecar2@uol.com.br)

Vera Lúcia Decnop Coelho (UnB – vldc@unb.br)

## HISTÓRICO DO GRUPO

O Grupo de Trabalho *Casal e família: estudos psicossociais e psicoterapia* vem construindo sua história desde o II Simpósio da ANPEPP (Gramado, 1989), ocasião em que foram criados os GT. Dos seis participantes do GT original, então intitulado *Estrutura e dinâmica da família: pesquisa e intervenção*, três se encontram no GT que estamos propondo para o IX Simpósio. A coordenação do Grupo foi, inicialmente, alternada entre as Prof.<sup>as</sup> Rosa Maria Stefanini de Macedo (PUC-SP) e Terezinha Féres-Carneiro até o V Simpósio (Caxambu, 1994). Com o aumento do número de participantes e a diversificação dos interesses dos mesmos, no VI Simpósio (Teresópolis, 1996), o GT original foi desmembrado em dois. Nessa ocasião, propusemos, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Terezinha Féres-Carneiro, o GT *Relação amorosa, separação e terapia de casal*, do qual participaram seis dos 13 pesquisadores que compõem o atual GT. No VII Simpósio (Gramado, 1998), ampliamos o interesse do GT das questões conjugais para as questões familiares e o denominamos *Casal e família: estudos psicossociais e psicoterapia*, o que se mantém até hoje. Dos 13 participantes no VIII Simpósio, 11 permanecem no Grupo, tendo ocorrido a entrada de quatro novos pesquisadores: Vera Lúcia Coelho, Maria Lúcia Rocha-Coutinho, Maria de Fátima Araújo e Ileno Izídio da Costa.

Portanto, participam do GT que estamos propondo para o IX Simpósio 15 professores doutores, de 11 instituições universitárias: PUC-Rio, PUC-SP, PUC-RS, Uerj, UFRJ, UnB, USP, Unesp, Unimarco, Unicap e Unifor, de seis Estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pernambuco e Ceará. Entre os participantes, apenas as professoras Lídia de Alvarenga e Maria do Carmo Prado, ex-orientandas de doutorado da Coordenadora do GT, não atuam em programa de pós-graduação. Todavia, tendo em vista a relevante inserção de ambas na área de família e casal (a primeira coordena o Núcleo de Família na 1.<sup>a</sup> Vara de Família do Rio de Janeiro, além de coordenar, também, o Núcleo de Terapia Familiar Psicanalítica da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro; e a segunda coordena, há quase 20 anos, o Curso de Especialização em Terapia

Familiar Psicanalítica da Uerj), consideramos pertinente e produtiva sua participação no GT. É importante ressaltar que, desde 1996, ambas participam das publicações conjuntas do Grupo, além de terem produzido artigos em co-autoria com a Coordenadora e participado de vários eventos científicos, de forma articulada, com vários membros do GT.

## OBJETIVOS E PROPOSTA DE TRABALHO NO SIMPÓSIO

É objetivo de nosso Grupo de Trabalho desenvolver estudos sobre casal e família fundamentados, sobretudo, nos enfoques psicossociais e clínicos, assim como promover a discussão e a articulação da produção de pesquisadores brasileiros nessa área.

Têm sido investigados, através de variáveis socioculturais, aspectos relevantes na constituição da família e do casamento contemporâneo. As novas configurações conjugais e familiares têm-se constituído como objeto de diferentes estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do GT. A psicoterapia de casal e de família vem sendo estudada tanto nas abordagens sistêmicas quanto nas abordagens psicanalíticas, sendo que alguns estudos propõem a articulação dessas duas abordagens. Na última publicação conjunta do Grupo, discutiram-se temas relacionados a conflitos conjugais e sintomas infantis, construção da conjugalidade, crise do casamento contemporâneo, comunicação e família, adoção, avós na perspectiva dos netos, fratria, mito familiar e transmissão psíquica transgeracional.

Como nos encontros anteriores, no IX Simpósio, pretendemos discutir as pesquisas em andamento e/ou concluídas dos participantes do GT, avaliando as possibilidades de articulação dos resultados referentes aos temas investigados, tendo como objetivo gerar produções em co-autoria e organizar a publicação conjunta dos trabalhos completos apresentados no Grupo.

## AVALIAÇÃO

A partir de 1996, quando houve o desmembramento do GT original, nosso Grupo tem intensificado as realizações conjuntas, cujos resultados têm-se refletido no aumento da produção bibliográfica conjunta. Os membros do GT têm integrado suas produções de diferentes maneiras: além de participarem de atividades acadêmicas, como bancas de dissertação e tese, e de discussão de grupos de pesquisa, têm organizado, em duplas ou trios, mesas-redondas, simpósios e cursos, em congressos nacionais e internacionais, e têm, sobretudo, divulgado os resultados de suas pesquisas em publicações conjuntas em livros e artigos em co-autoria.

Desde o VI Simpósio, o GT vem publicando, sob a organização de sua Coordenadora, os trabalhos completos discutidos no Grupo, já tendo sido publicados três livros referentes ao VI, VII e VIII Simpósios. Além disso, vários artigos em co-autoria foram publicados em revistas nacionais e internacionais como resultado da interação entre os membros e das discussões ocorridas nos Simpósios. Para o próximo biênio, já está sendo planejada a publicação conjunta dos trabalhos completos que serão discutidos no IX Simpósio e de alguns artigos em co-autoria de membros do Grupo, e está, também, sendo organizado, com dois membros do GT como editores: Bernardo Jablonski e Terezinha Féres-Carneiro, um número temático, sobre família e casal, da revista *Psicologia Clínica*, a ser lançado em maio de 2002, com artigos de vários membros do Grupo.

Está sendo planejada, também, a vinda dos Prof.<sup>ª</sup> estrangeiros Vincent de Gaulejac, Claudine Haroche, Christine de Gaulejac, Pierre Benghozi, Eugène Enriquez e Alberto Eiguier, para realização de seminários e cursos organizados, conjuntamente, pelos membros do GT dos Programas de Pós-Graduação da UFF, PUC-Rio e Unimarco.

**RESUMOS GT 08****A FAMÍLIA E A TAREFA DE EDUCAR: A PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS (R 08/1)**

Adriana Wagner (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

No processo de evolução da família, os avanços sociais e tecnológicos têm trazido, além de novos conhecimentos e possibilidades, dúvidas e dilemas sobre como educar os filhos, e este estudo tem por objetivo conhecer como a função educativa está sendo desempenhada, atualmente, pelas famílias de nível socioeconômico médio e com filhos em idade escolar. Foram investigadas 39 famílias residentes na cidade de Poá, RS, com renda familiar média de R\$ 3.600 e 2,26 filhos, e os questionários foram respondidos, individualmente, pelo pai, pela mãe e por um dos filhos na faixa de 7 a 12 anos. De modo geral, os resultados mostram que os pais avaliam de forma mais positiva que os filhos as condutas educativas utilizadas na família, declarando — ao contrário dos filhos — que conhecem seus sentimentos e pensamentos, não evocam suas desobediências passadas e permitem que expressem suas opiniões a respeito de serem castigados; além disso, os filhos percebem os pais seguros na colocação de regras e limites, mas os pais pensam que poderiam ser mais claros, constantes e seguros na execução dessa tarefa. Não foi encontrada diferença, na opinião de pais e filhos, a respeito de aspectos relativos a punição, proximidade e afeto no relacionamento parental. (CNPq)

**CASAMENTO: DO VELHO PAPEL PASSADO AOS NOVOS PAPÉIS NO FUTURO (R 08/2)**

Bernardo Jablonski (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Nas últimas décadas, profundas mudanças sociais vêm alterando a cena protagonizada pelo casamento, pela família e pelos valores que lhes são agregados, e, em consequência, observamos o aumento do número de divórcios, o surgimento de formas alternativas de uniões familiares e as mudanças nas atitudes e nos comportamentos ligados à sexualidade (fidelidade, sexo pré-marital, dupla moral) e aos papéis de gênero. Os novos casamentos e as famílias reconstituídas, por exemplo, já representam uma significativa proporção dentro de todos os casamentos e famílias existentes, com visíveis reflexos ligados à esfera legal, aos efeitos nas crianças (que passam a morar com madrastas/padrastos), às opiniões ventiladas, socialmente, a esse respeito, bem como ao processo de reconstituição familiar propriamente dito. Cabe ressaltar, aqui, a influência do movimento de emancipação feminina, que veio transformar, profundamente, as relações de gênero, em função do número expressivo de mulheres que entraram no mercado de trabalho e de suas consequências: casamentos mais tardios, diminuição no número de filhos e aumento no conflito gerado pela busca da igualdade de direitos. Da mesma forma, a religião — outrora fator inquestionável de manutenção do vínculo matrimonial —, à medida que passou a ser interpretada pelas pessoas de forma mais individualizada e privada, vem perdendo seu peso como instituição impositora de normas e costumes. O avanço da tecnologia tampouco pode ser desprezado, pois, em diversas áreas, as inovações presentes concorrem para alterar, de várias formas, as relações familiares: assim, a pílula anticoncepcional, o aparelho de microondas, a Internet, o telefone celular, a tevê a cabo, o VCR e o DVD modificaram, em menor ou maior grau, uma gama de atividades ligadas à sexualidade, à diminuição das tarefas dentro do lar (e a consequente maior disponibilidade para a execução de tarefas fora do lar) e à comunicação (facilitando ou dificultando o processo de interação entre os membros do casal). Ainda na análise do *background* social, a urbanização e as demandas do que entendemos por uma sociedade pós-moderna, também, desempenham papéis de peso: o prolongamento da adolescência (face à necessidade de mais estudos para a integração na cadeia produtiva), a ênfase no individualismo, o aumento da longevidade (que permite que, hoje, até três gerações convivam por um período maior de tempo, expandindo a influência proporcionada pelos segmentos mais idosos da população sobre os mais jovens, no que diz respeito à transmissão de valores, regras morais e pautas de atuação) e a percepção do casamento como *instituição em transformação* são fatores que, ao interagirem, provocam, igualmente, significativas alterações nos valores em questão. (CNPq/FAPERJ)

**A AUTOPERCEPÇÃO DAS AVÓS PRECOSES (R 08/3)**

**Cristina Maria de Souza Brito Dias, Maria Luísa Costa Lima e Fabiana de Sá Leitão Aguiar** (Universidade Católica de Pernambuco)

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a percepção que as mulheres têm do papel de avós quando se precipitam a assumi-lo devido à ocorrência de gravidez envolvendo um filho adolescente, e que são denominadas "avós precoces". Fizeram parte do estudo 42 avós maternas e 42 paternas, com idades entre 30 e 58 anos, cujo neto(a) tinha idade entre 1 e 12 meses e cujo(a) filho(a) que lhe dera o(a) neto(a) estava na faixa etária entre 14 e 20 anos, a maioria das quais é casada e possui nível socioeconômico médio e escolaridade média ou superior. Foi utilizado um questionário de múltipla escolha, compreendendo as seguintes variáveis: sentimentos experimentados ao saber da gravidez, providências tomadas, sentimentos experimentados frente aos outros, antecipação ou não do papel, percepção do papel, pontos positivos e negativos em ser avó precoce, sentimentos experimentados perante o(a) neto(a), percepção do(a) filho(a) como pai(mãe), ajuda dada ao(à) filho(a) e neto(a), percepção da relação existente entre ela e o(a) filho(a) e entre ela e a(o) nora(genro), diferença entre ser mãe e avó, moradia do(a) filho(a). Além disso, foram tiradas as frequências e percentuais de cada categoria de resposta e foi realizado o teste qui-quadrado, para verificar as diferenças significativas entre os dois grupos de avós. Entre os principais resultados, constatamos que houve diferenças significativas nas *providências tomadas*: as avós maternas levaram as filhas ao médico, enquanto as paternas reuniram as famílias para tomarem uma decisão; as avós maternas, quanto aos *sentimentos experimentados*, reviveram o papel de mãe, enquanto as avós paternas demonstraram sentir insegurança no desempenho do papel; na *relação com o genro/nora*, algumas avós maternas disseram que sentiram raiva, no início, mas, hoje, se dão bem, enquanto outras sentem raiva até hoje; finalmente, quanto aos *sentimentos experimentados*, as avós paternas indicaram mais apreensão com a imaturidade dos jovens. Pode-se concluir que há um maior envolvimento por parte das avós maternas e que a gravidez na adolescência gera tensão e estresse em todo o sistema familiar, mas, aos poucos, há uma adaptação ao fato, chegando o mesmo a propiciar alegrias e renovação na família, segundo a opinião das avós.

**MULHER, FAMÍLIA E IDENTIDADE: A MEIA-IDADE E SEUS DILEMAS (R 08/4)**

**Gláucia Ribeiro Starling Diniz** (Universidade de Brasília)

Transições são momentos fundamentais no ciclo de vida pessoal e familiar, e, no caso da mulher, dois momentos chamam atenção, em especial: a adolescência, por ser a entrada no ciclo reprodutivo, e o climatério, por marcar a saída. Ambos os períodos foram mitificados, socialmente, a vivência da adolescência e do climatério está impregnada pelos estereótipos e contradições em torno da sexualidade, do corpo e da maternidade. As idéias/mitos de que a mulher deve se dedicar integralmente à família e de que é através da maternidade que se obtém realização máxima perseguem tanto as mulheres que almejam quanto as que não almejam casar e ser mães, todo o valor social da mulher gravita em torno dessas idéias. Ao finalizar o ciclo reprodutivo, o climatério foi e, ainda, é visto como marco direto da perda desse valor. Reconhecendo a importância da atenção à saúde e à saúde mental da mulher em todas as idades, mas, principalmente, no climatério, desenvolvemos um projeto de extensão e pesquisa que busca ampliar as vozes e valorizar a vida de mulheres, nessa fase da vida. O aumento da expectativa de vida dá às mulheres 20 a 40 anos a mais após o climatério, e, portanto, é fundamental fortalecer sua auto-estima, para que elas vivam essa etapa da vida com qualidade e tenham ressignificada sua participação na família e na sociedade. Este trabalho vai buscar, na fala/voz das mulheres que participam dos grupos com que trabalhamos numa policlínica do Governo do Distrito Federal, elementos com que identificar e entender os dilemas que elas vivem quanto a seu papel na família e sua identidade pessoal e social. Nos grupos, cada mulher se torna dona de sua história, valorizando e ressignificando cada vida. O espaço do grupo se torna um espaço transformador e construtor de cidadania — um alento numa sociedade e família que valorizam a juventude e têm dificuldade de reconhecer o investimento afetivo e laboral da mulher.

**REVISITANDO A INTERAÇÃO FAMILIAR COM "PSICÓTICOS" A PARTIR DA LINGUAGEM (R 08/5)**

Ilno Izídio da Costa (Universidade de Brasília)

Este trabalho tem por objetivos primordiais: (1) apresentar as principais contribuições do estudo da família com indivíduos diagnosticados como "psicóticos"; (2) tecer reflexões sobre a complexidade do tema; e (3) apontar algumas possibilidades de retomada do estudo e da pesquisa na área, com base na crítica da linguagem ordinária. Serão apresentadas as principais contribuições de pesquisa e estudo na teoria sistêmica, serão apontados alguns questionamentos básicos sobre a complexidade dos três fenômenos fundamentais envolvidos: família, loucura e linguagem, e, finalmente, serão formuladas considerações, a partir da Teoria dos Atos de Fala e/ou Pragmática, sobre como se poderia usar a Filosofia Analítica para retomar os estudos e a pesquisa na área.

**ALCANCES E LIMITES NO ATENDIMENTO CLÍNICO A CASAIS (R 08/6)**

Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo)

Este trabalho tem por objetivo discutir os alcances e limites da Psicoterapia Breve a Casais, de orientação psicanalítica, realizada na clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP com estagiários dos últimos períodos da graduação em Psicologia. Em geral, as famílias procuram a clínica em decorrência de sintomas dos filhos, e iniciamos o entendimento do caso por uma avaliação que tem como foco central perceber a real demanda por atendimento. Quando percebemos que os sintomas das crianças são decorrentes de conflitos conjugais, propomos um atendimento de psicoterapia breve aos pais, de frequência semanal, durante um período de 12 a 18 meses, em média. Os resultados iniciais têm apontado um número elevado de desistências no atendimento aos casais, sendo poucos os casos em que conseguimos chegar ao término do tempo proposto para o atendimento. Nos casos em que foi possível o andamento do processo, tivemos boa evolução dos sintomas dos filhos, e o casal, um espaço terapêutico para entender os conflitos conjugais e o desempenho dos papéis homem/mulher no casamento e sociedade atuais, além de desenvolverem uma percepção mais distanciada das expectativas e projeções de cada um. Ademais, essa experiência terapêutica fornece um embasamento importante para a formação clínica do estudante de Psicologia, o que vem nos levando a aprofundar o estudo de variáveis comparativas entre esse tipo de atendimento (a casais) com os de natureza individual, e entre os processos longos (característicos da abordagem psicanalítica ortodoxa) e as psicoterapias breves, priorizando, em nosso caso, a questão da demanda, já que o casal não vem em busca de um atendimento para ele, mas, ao contrário, elege o filho como depositário de seus problemas. Dentro desse enfoque teórico-comparativo envolvendo o trabalho com casal e as análises individuais, traçaremos um grau de abrangência e limites para o tipo de atendimento que realizamos com os pais, apresentando, como ilustração, recortes de material clínico.

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM CASAIS NA CONTEMPORANEIDADE II: A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE (R 08/7)**

Julia Bucher-Maluschke (Universidade de Brasília e Universidade de Fortaleza)

Esta comunicação faz parte de um estudo mais amplo voltado às interações conjugais nas sociedades em fase de transição, e o recorte que, aqui, apresentaremos diz respeito à análise, do conceito de conjugalidade que vem sendo trabalhado. Partimos do conceito de *Anerkennung* (aceitação com reconhecimento), desenvolvido por Ziviani e utilizado por Hegel, e procuramos realizar uma análise de suas vivências de conjugalidade, por meio das digressões de casais, grupos focais e entrevistas, observando as respostas aos seguintes questionamentos: (1) Como é a concepção e vivência da conjugalidade dos casais a partir do modo como estão estruturados os papéis de cada cônjuge? (2) Como estão estruturadas as relações conjugais? (3) Como se organizam as regras de intercâmbio entre eles? Numa primeira fase, estudamos 12 casais, sobre os quais apresentamos os resultados na reunião da SBP (Rio de Janeiro, 2001). O número de casais foi ampliado e, atualmente, traremos os resultados de 20 casais que vivem em Fortaleza, CE. Inicialmente, identificamos os cenários socioculturais relacionados às fases de transição da sociedade em que esses casais estão inseridos e, em seguida, procuramos identificar, em suas falas, a atribuição de significados dada à conjugalidade. Os resultados estão em fase de análise, e, com

eles, pretendemos contribuir para o desenvolvimento do conhecimento das interações da díade conjugal, subsidiando, dessa forma, o trabalho para terapeutas e pesquisadores de casais. (CNPq)

#### **"QUERO FALAR COM O JUIZ": O PODER JUDICIÁRIO E A FUNÇÃO PATERNA (R 08/8)**

**Lídia Levy de Alvarenga** (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O Núcleo de Psicologia da 1.ª Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro atende, principalmente, a requerentes em processos de Habilitação para Adoção, Adoção, Guarda e Tutela. Desde 1999, além de novas alternativas aos procedimentos, até então, adotados, os técnicos do NP vêm debatendo novas formas de atendimento e procurando avaliar seu papel de psicólogos do Judiciário. Em 2001, iniciamos um trabalho de pesquisa cujo objetivo era avaliar as demandas que chegavam ao plantão do Núcleo, revelando conflitos familiares típicos da contemporaneidade, de modo a levantar as situações que nos eram encaminhadas e entender as expectativas dos sujeitos entrevistados. De fevereiro a julho de 2001, foram realizadas 49 entrevistas, das quais 40 diziam respeito a adolescentes e nove tratavam de questões relativas à criança. Foram entrevistados os principais responsáveis pelos encaminhamentos ao NP e foi feito um estudo das fichas de entrevistas de plantão. Os sujeitos, em sua maioria, não demandavam um psicólogo, mas um princípio organizador, que, fora do contexto familiar, pudesse intermediar relações que haviam atingido um nível insustentável. As queixas apontaram uma falta de contornos familiares e uma falta de função paterna. Diversos autores discutem a desvalorização da imagem do pai, abalada pelas transformações econômicas e sociais dos últimos séculos, e, diante da falência da *imago* paterna, diante da falta de autoridade familiar, é ao Juiz, representante do Estado, que uma determinada camada da população recorre e que, ao ser encaminhada ao psicólogo, espera que ele funcione como conciliador e ajude a retomar suas funções.

#### **A ESTÉTICA DAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS EM NOVAS CONFIGURAÇÕES DE FAMÍLIA (R 08/9)**

**Maria Consuelo Passos** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade São Marcos)

Este trabalho é parte de uma pesquisa que investiga a história das relações intersubjetivas na família. A dimensão estética tem sido salientada, neste estudo, como possibilidade de revelar os modos de vinculação e as expressões de afeto contidos nas relações intersubjetivas no interior da família. Refletir sobre essa dimensão, no contexto de novas modalidades de configuração familiar, é o que pretendemos neste trabalho, para o que elegemos as famílias monoparentais — formadas por pai e filhos ou mãe e filhos — como focos centrais de nossa análise, em que tentaremos apreender como se processam, no âmbito das relações intersubjetivas, os arranjos feitos, no cotidiano, por cada um dos membros, as alianças e as linhas de força que organizam o processo de subjetivação desses grupos. A perspectiva psicanalítica que trata da estruturação do grupo familiar e das relações objetais primárias serão referências fundamentais para as reflexões pretendidas, no que tange à apreensão dos elementos constitutivos das expressões relacionais do grupo. Seguindo, ainda, a tradição psicanalítica, encontramos, em Winnicott e Bollas, importantes subsídios para uma compreensão da estética das relações: para esses autores, a estética da existência se institui a partir das primeiras relações do bebê com sua mãe, o que nos impõe um grande desafio: de um lado, compreender a natureza dessas primeiras relações nos dias de hoje e, de outro, refletir sobre os dispositivos que transformam, permanentemente, essa estética — questões que se colocam como desdobramentos das já expostas. Na obra de Foucault, sobretudo, em seus últimos estudos, encontramos um posicionamento crítico importante acerca da amizade e da estética da existência, que constituem, também, importantes substratos ao debate sobre a estética das relações intersubjetivas na família e o modo como elas se situam num espaço aberto às transformações.

**VIOÊNCIA CONJUGAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO JUNTO A CASAIS (R 08/10)****Maria de Fátima Araújo** (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis)

O presente trabalho se refere a uma pesquisa-intervenção que tem como objetivo compreender a dinâmica da violência na relação conjugal e construir um modelo de intervenção junto a casais, baseado na perspectiva de gênero. Trata-se de uma abordagem psicossocial que utiliza o conceito de *gênero* como categoria básica de análise para apreender os processos conscientes, inconscientes, históricos e sociais presentes na dinâmica da violência de gênero, partindo do princípio de que as relações de gênero são relações dialéticas, em que ambas as partes detêm poder, embora de forma desigual. Além disso, a abordagem enfatiza a dimensão relacional do gênero e busca compreender as tramas presentes nos diferentes arranjos conjugais, trabalhando, com agressores e agredidos, para desvendar e desconstruir os processos que levam os casais a construir relações conjugais violentas, distanciando-se da idéia de *vitimabilização* e *culpabilização* e dos estereótipos que levam homens e mulheres a assumir posições e papéis de vítimas e algozes. Os resultados preliminares da pesquisa têm mostrado que os casais que se dispõem a enfrentar esse desafio têm encontrado formas mais criativas e satisfatórias de relacionamento conjugal, social e familiar. Esta pesquisa está vinculada a um projeto de extensão em desenvolvimento na Universidade Estadual Paulista, na Cidade de Assis, SP.

**O TEMPO E A CRIPTA NO SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE GERAÇÕES (R 08/11)****Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Aborda-se o tempo como um dos agentes de transmissão psíquica entre gerações, vivido de forma bastante particular em famílias com patologias mais graves, particularmente, quando o funcionamento psíquico de uma criança é afetado pelo "trabalho do fantasma no seio do inconsciente", decorrente do contato com um pai ou uma mãe portadores de uma cripta. Um filho criado por pais portadores de traumatismo(s) que não foram superado(s) e cindido(s) tem que compor não com uma experiência traumática pessoal, mas com a cisão dos pais, dos quais depende psicicamente. Os conteúdos dessa cisão são desconhecidos, não têm representação verbal, mas sua existência é pressentida e interrogada, e o fantasma resulta, assim, dos efeitos da cripta de um sujeito sobre o inconsciente de outro, e exerce seu efeito assombroso através de uma forma bastante peculiar de se articular com o tempo. Se a cripta é o *lugar* subterrâneo onde se enterram mártires ou se guardam relíquias — lugar, não raro, mais antigo do que a igreja sob a qual se encontra —, ela, também, implica um *tempo* solene, perene, perpétuo, eterno. Assim, nessas questões, estão presentes perdas e lutos que não se superou, num tempo congelado que se perpetua no presente e que se pretende eternizar por gerações. Sendo o tempo considerado em seus aspectos fenomenológicos, psicanalíticos e transfenomenais, tais questões são discutidas através da apresentação de um caso clínico, atendido em terapia familiar psicanalítica.

**QUANDO O EXECUTIVO É UMA DAMA: MULHER, CARREIRA E FAMÍLIA NO BRASIL (R 08/12)****Maria Lúcia Rocha-Coutinho** (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A despeito das numerosas transformações ocorridas no papel e na posição das mulheres nas sociedades ocidentais, nas últimas décadas, elas continuam a sofrer discriminação — ainda que, freqüentemente, sutil — no mercado de trabalho. Estudos mostram que, mesmo em países onde a discriminação contra a mulher pode ser severamente punida, como é o caso dos EUA e Canadá, o salário médio das mulheres ainda é inferior ao de homens que exercem a mesma função, e o número de mulheres ocupando posições de maior poder e prestígio nas empresas é inferior ao de homens. Parece, assim, que as mulheres continuam a enfrentar maiores barreiras em sua busca por empregos melhores e mais gratificantes, que são, em grande parte, decorrentes de estereótipos tradicionais de gênero, que, apesar de terem sofrido mudanças nos últimos anos, parecem, ainda, reforçar a idéia de que mulheres e homens têm características distintas e foram "talhados" para tipos diferentes de trabalho. Mas elas são, também, a nosso ver, provenientes de dificuldades estruturais, por parte das mulheres, em contrabalançar carreira e maternidade — um dos pilares da antiga identidade feminina. Neste trabalho, apresentamos parte dos resultados de um estudo que estamos desenvolvendo com o objetivo de melhor entender como mulheres executivas

brasileiras estão vendo e se situando nas empresas em que trabalham, quais as dificuldades que encontram em termos de crescimento profissional e como vêem a conciliação carreira-família. Optamos por trabalhar com mulheres executivas porque, além da área ser, ainda hoje, dominada por homens, nela, o crescimento profissional envolve posições de poder e liderança que requerem características, tradicionalmente, associadas à "masculinidade". Além disso, em meio à globalização atual da economia, esses cargos envolvem grande quantidade de horas dedicadas à empresa — muitas vezes, inclusive, nos fins de semana — e viagens frequentes, o que poderia dificultar uma possível conciliação entre a carreira e a família, em especial, para as mulheres que almejam alcançar os antigos padrões esperados de maternidade. Os dados aqui apresentados dizem respeito à conciliação carreira-família e foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas com mulheres executivas brasileiras, residentes na Cidade do Rio de Janeiro, com idade entre 25 e 45 anos, formadas em Administração, Economia e Engenharia e ligadas à área financeira e de produção.

**ACONTECIMENTO: CATEGORIA BIOGRÁFICA INDIVIDUAL, FAMILIAR, SOCIAL E HISTÓRICA (R 08/13)**  
**Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro (Universidade Federal Fluminense)**

O trabalho se compõe de duas partes. Na primeira, serão analisados os vários tipos de acontecimentos, desde aqueles considerados cotidianos até os que constróem mudanças no rumo das trajetórias de vida. É esse tipo de acontecimento que consideramos categoria biográfica, e nós o estudaremos a partir da perspectiva teórica de autores que trabalham com a Psicossociologia, como M. Hegerand, M. Hecleres Olive, V. Gaulejac e C. Abels. Na segunda parte da apresentação, nós nos basearemos em exemplos de história de vida, extraídos de biografias e de estudo de casos, que serão analisadas à luz do fenômeno estudado. No que concerne à análise biográfica, estudaremos o livro *O primeiro homem*, de Albert Camus, e dois artigos da revista francesa do Laboratoire de Changement Social sobre o tema *História de vida e escolha teórica*. Nossa investigação focalizará a análise da categoria *acontecimento*, tomando como referência a biografia de dois sociólogos franceses, e, em nossa análise, buscaremos apontar como essa categoria biográfica é trabalhada, psicologicamente, pelos sujeitos que a vivem e como os mesmos têm repercussões em nível familiar, social e histórico, o que nos permite afirmar que o acontecimento é uma categoria biográfica complexa. (CNPq)

**CONSTRUÇÃO E DISSOLUÇÃO DO LAÇO CONJUGAL NA TERAPIA DE CASAL (R 08/14)**  
**Terezinha Féres-Carneiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)**

Tendo-se em vista que o tema da separação conjugal está presente na demanda da maior parte dos casais que buscam atendimento psicológico, torna-se cada vez mais importante estudar os processos de construção e de dissolução do laço conjugal ao longo da terapia de casal. É objetivo deste estudo investigar como os cônjuges manifestam, no processo terapêutico, o desejo em relação à manutenção e à ruptura do casamento e qual a dinâmica que se estabelece entre eles em vista da possibilidade de separação. A investigação clínica está sendo realizada com 14 casais das camadas médias da população carioca, em terapia de casal, cuja demanda de atendimento contém, como um dos temas, a questão da separação conjugal. A escuta e intervenção terapêuticas, nesses casos, se deram como de costume, em nossa prática clínica, mas, para a realização deste estudo, apenas os conteúdos relacionados à questão que estamos investigando foram transcritos e estão sendo analisados. Até o presente momento, a análise já evidenciou alguns temas, como: *expectativas referentes à relação, conflitos entre desejos conscientes e inconscientes, idealização da relação, diferenciação/fusão, capacidade/incapacidade de ficar só*, que possibilitarão o estabelecimento das categorias de análise. Dos 14 casais que estão sendo estudados, cinco se separaram, seis se mantiveram casados e três se separaram e, depois de certo tempo, voltaram a casar e retomaram o processo terapêutico. A compreensão mais aprofundada da vivência dos cônjuges, nos processos de construção e dissolução do laço conjugal, nos parece muito relevante para a prática clínica com casais, uma vez que possibilita uma escuta terapêutica mais contextualizada, com o objetivo principal de promover a saúde emocional dos cônjuges, não a ruptura ou a manutenção do casamento. (CNPq/FAPERJ)

**SAÚDE MENTAL DA MULHER: MEIA-IDADE E CLIMATÉRIO (R 08/15)****Vera Lúcia Decnop Coelho (Universidade de Brasília)**

O climatério se apresenta como período pleno de transformações biológicas, psicológicas e sociais na vida da mulher, quando seu corpo próprio, suas relações e seu lugar na sociedade exigem complexas ressignificações, de modo a atingir um amadurecimento e flexibilidade diante dos novos desafios que se impõem. Tendo em vista a relevância de se oferecer suporte à mulher nessa etapa da vida, grupos psicossociais vêm sendo desenvolvidos na Policlínica de Taguatinga, DF, e o presente estudo tem por objetivo realizar um levantamento dos principais temas e queixas trazidos pelas mulheres acerca do climatério e da meia-idade. A análise do material decorrente dos grupos se baseou no registro, em áudio e vídeo, dos encontros realizados, e a fala das mulheres constitui o foco do trabalho. São numerosos os temas abordados, bem como as queixas sobre o climatério, e, entre os temas, destacam-se o envelhecimento, a necessidade de compreender a menopausa, a depressão, a sexualidade e as relações familiares, ao passo que as queixas contra as ondas de calor, oscilações da menstruação, vagina seca, irritabilidade, nervosismo e uso de *remédio controlado* são alguns dos tópicos que merecem análise. O processo grupal busca oferecer às mulheres a oportunidade de compartilhar vivências e dificuldades — algumas jamais partilhadas, após anos de sofrimento e solidão —, e o clima que se estabelece é de coesão e respeito pela história de vida de cada participante. Falar em situação grupal sobre essa etapa da vida permite às mulheres reorganizar sua experiência subjetiva, com ênfase na questão do significado de ser mulher, além de propiciar maior consciência de suas potencialidades.